

Kullancha

Por: Stefan Reich

Nossa profissão de psicanalista nos ensina que para amadurecer, crescer e pensar é necessário um ambiente de contêiner que permita que esses delicados processos aconteçam. É o que fazemos no consultório e no nosso trabalho clínico, onde permitimos que uma transformação se desdobre diante de nós para que os pacientes que vêm ao nosso consultório vivam com maior liberdade e autenticidade. Para isso, nós psicanalistas nos damos as ferramentas teóricas e clínicas que adquirimos ao longo de décadas de experiência e escuta. Essa forma de ver o mundo também nos permite compreender as sutilezas das relações humanas e os grandes pulsões que percorrem os tecidos sociais. Assim, por sua vez, lemos sobre política, literatura, sociologia, arte e tantas outras manifestações da experiência humana a partir desses prismas que carregamos para todos os lados e que fazem parte do nosso Ser.

Em nossa história, muitos analistas -a começar pelo próprio Freud- aplicaram as ideias advindas de nossas pedreiras teóricas a outros espaços para compreender as dinâmicas grupais e sociais, conseguindo assim grandes avanços na compreensão do mal-estar da cultura e da civilização. Hoje, mais do que nunca, e diante dos ataques das forças antidemocráticas que assombram o mundo e que, historicamente, se firmaram em nosso bairro latino-americano, os psicanalistas temos o dever de contribuir com nossos conhecimentos para que o abuso, a indiferença, a discriminação, a ruptura da ordem democrática e a impunidade não prevaleçam sobre a capacidade de diálogo, os direitos humanos e a colaboração, que são os alicerces de qualquer sociedade democrática. Para isso tudo, é necessário o entendimento do outro e sua alteridade, e é a partir daí que os analistas podemos contribuir ao fortalecimento da democracia em nossa região.

Hoje quero compartilhar uma história com todos vocês. A história de Kullancha, que significa rede em quíchua e que se tece há 8 anos. Kullancha é uma iniciativa social que nasceu para que jovens líderes de diversas origens do Peru se conheçam, escutem e gerem laços de confiança a partir de uma experiência próxima, intensa e mobilizadora.

Meu país é uma terra de poetas habilidosos que fazem malabarismos com palavras e metáforas com base em grande engenhosidade. É também uma terra de cozinheiras e cozinheiros que combinam ingredientes e receitas de pessoas de todo o planeta para produzir pratos originais que chegam ao estômago de diferentes pessoas em lugares remotos. Porém, para os peruanos, tolerar outra pessoa não é fácil de digerir. Meu país é uma terra onde as diferentes vozes que saem da nossa garganta muitas vezes se perdem no esquecimento devido a uma política que carece de instituições que incentivem a nossa escuta. Desde nossos inícios como república fomos –e continuamos sendo- um país de compartimentos fixos com pouca permeabilidade entre os distintos grupos sociais.

A partir dessa lógica, Kullancha surgiu como uma resposta a esse complexo problema peruano. E é essa desconfiança - aquela maçã podre que corrompe o nosso tecido social – que raramente

nos faz sair das bolhas para realizar um empreendimento com alguém diferente de nós mesmos. O resultado acaba sendo uma permanência em nossos "guetos" ou "algoritmos" sociais que alimentam nossos equívocos *ad infinitum*.

As consequências de continuar neste caminho são devastadoras. Um país que não se integra, que vive em eterna excisão onde os seus cidadãos são desconhecidos, está condenado ao atraso e será sempre um terreno fértil para que forças antidemocráticas e populistas saiam atacar qualquer indício de progresso. Essa situação, vivida também por outros países de nossa região, nos remete diretamente à degradação de nossas sociedades e corrói a possibilidade de progresso graças ao aporte social mais poderoso que nós, latino-americanos, temos: nossa diversidade.

Kullancha foi impulsionada por pessoas que não tem relação com a política de forma direta, mas têm uma preocupação genuína com o Peru.

A possibilidade de aproximar cada vez mais os peruanos é titânica e provavelmente levará mais algumas gerações para se cristalizar. Mas nós pensamos que um esforço por uma maior integração poderia partir das cabeças, começando pelas lideranças juvenis que estão prestes a assumir um papel maior nas rédeas de nossa sociedade.

Assim -pensamos- se políticos, empresários, ativistas, membros das Forças Armadas, acadêmicos, líderes religiosos, jornalistas, líderes LGBTQ+ e outros agentes de mudança social pudessem ter um encontro próximo, íntimo e longe do seu dia a dia, talvez -apenas talvez- pudéssemos pensar no Peru de forma diferente. Em outras palavras, como um sistema - complexo e imperfeito- que precisa de todos os seus habitantes para continuar construindo uma união "suficientemente boa". Um gerúndio constante.

O Kullancha começou como um exercício baseado em uma metodologia pedagógica que eu experimentei pela primeira vez há alguns anos, enquanto fazia um mestrado. Essa metodologia, que extrai contribuições principalmente da psicanálise, mas também de outras disciplinas, tem ajudado para que muitos alunos assumissem posições de liderança de alto nível em seus países de origem. A partir daí, eles estão mais conscientes da complexidade das dinâmicas dos grupos, ouvindo o que é dito (e o que é calado), e aceitando o conflito como elemento fundamental para mudar mentes e corações. Assim, a sala de aula torna-se um espaço transicional onde emergem dinâmicas que se repetem constantemente em nossas sociedades, permitindo aos alunos vivenciar a tensão e o desequilíbrio de um processo adaptativo de mudança: preconceitos e pressupostos "do outro" são os maiores entraves para progredir.

No final da minha experiência acadêmica, voltei ao Peru com a ideia de compartilhar este aprendizado. Talvez, pensei, viver uma experiência semelhante pudesse ajudar meus compatriotas para construir uma liderança mais consciente em meio das muitas divergências e fraturas sociais com que vivemos os peruanos. No primeiro programa piloto, conseguimos fazer com que 25 jovens líderes peruanos de diferentes origens, que nunca se conheceram e que muitas vezes se encontravam em antípodas sociais ou políticas, fossem a um hotel remoto, em

Arequipa, para ouvir e aprender em um "laboratório social" que seja um reflexo da complexidade e diversidade da sociedade peruana. A primeira turma foi composta por pessoas muito diversas: a líder de um partido de esquerda, o gerente corporativo de uma empresa transnacional de telecomunicações, o editor de uma das mais importantes revistas de negócios do meio, um chef que usa insumos da Amazônia Peruana, um líder transexual, um padre, entre outros.

Desde então, já foram realizados sete encontros, e os resultados têm sido notáveis. O aprendizado sempre acontece com tensão, conflito e dor. Mas, a partir dessa experiência, os participantes passam a se conhecerem desde sua própria humanidade, reconhecendo ao outro e ouvindo histórias de todos. Nas reuniões de Kullancha, preconceitos pela cor da pele, ideologia política ou orientação sexual, surgem e -como aconteceu na minha aula- tornam-se imensos obstáculos para a evolução do grupo. Em Kullancha, aos poucos e com o passar dos dias, os preconceitos que temos sobre alguém diferente de nós, vão se desmontando neste *sancochado*¹ que ali é cozinhado. Assim como este prato emblemático -uma sopa que os peruanos comemos nos tempos frios e que se faz com diversos insumos- o encontro precisa do fogo das emoções para coalhar, mas também de uma panela que possa conter os múltiplos afetos e projeções que envolve o cocção da aprendizagem.

Como analista, observo, por exemplo, as dinâmicas que surgem com surpresa, cuidado e muito respeito. Nesse processo, a falta de certeza ao fazer um trabalho desconhecido gera angústia, medo e rejeição. Penso, então, sob as respostas grupais à incerteza e à possibilidade aterrorizante de enfrentar os estágios esquizo-paranóicos ou depressivos dos quais Bion fala em seus Supostos Básicos. Diante disso, a resistência se fortalece e o grupo passa a procurar culpados pela falta de "eficiência". É aí que a autoridade começa a ser questionada. Alguma facção de Kullancha se torna o "bode expiatório" da frustração do grupo e muitos participantes começam a se perguntarem o que diabos eles estão fazendo em Arequipa, longe de suas importantes agendas, sem entender o que está acontecendo e sem ver um "progresso tangível".

Eu quero-me deter na palavra "progresso". Porque, em consequência do que muitas organizações ou modelos educacionais tradicionais priorizam, o grupo busca constantemente "fazer" tarefas específicas, gerando assim uma sensação de avanço, mas que nos afasta do que é mais difícil e gera dor em Kullancha: questionar-nos a nós mesmos.

Isso poderia explicar os clamores de nossos países por soluções simples, onde processos de longo prazo e com maior profundidade na mudança social não são tolerados? Isso poderia explicar a popularidade de candidatos que prometem obras em vez de nos questionar sobre como ser sociedades mais justas, democráticas e transparentes? Em meu país, onde a corrupção é muitas vezes "assumida" como um estado natural das coisas e como parte do DNA

¹ Nome de uma comida peruana feita com diversos e variados ingredientes misturados (NdT)

peruano, isso pode ser resumido em uma fórmula simples, mas contundente: “rouba, mas faz obras”.

Em Kullancha, a necessidade do grupo de priorizar tarefas tangíveis para evitar questionar o conhecido é observada na seguinte vinheta:

Participante: Nós já estamos neste oficina há três horas e acho que devemos nos apresentar, já que você não está nos dando nenhuma direção.

Facilitador: Qual seria o propósito de fazer isso?

Participante: Bem, isso é o que sempre se faz, certo?

Facilitador: E esse seria o melhor uso dos nossos recursos? Ou talvez possamos tentar fazer algo diferente?

Participante: Acho que não. Acho que devemos nos apresentar porque é a coisa certa a fazer e porque sempre é feito dessa forma.

Nessas horas, penso em nossos pacientes e no que observamos no consultório. Como esquecer a angústia que é gerada quando eles deitam pela primeira vez em nossos divãs para se embarcarem em uma viagem ao desconhecido e onde o processo exige reflexão e questionamento?

Também me vem à mente nosso papel como "autoridades" do processo clínico e na transferência como dinâmica fundamental do processo psicanalítico. Em Kullancha, o relacionamento com a autoridade - assim como o relacionamento conosco em nossos consultórios - vem com grande ambivalência e está cheio de fantasias, projeções e desejos inconscientes.

Por isso, quando penso em autoridade em uma oficina como essa, é impossível esquecer as múltiplas expectativas que pesam sobre esse papel nos grupos humanos. Também fica evidente quanto é fácil ser seduzido pelo grupo e como é tentador dar soluções que “agradem” à maioria para não pensar muito. Porque, no fundo e como sabem bem os analistas, pensar dói. Será que é por essa razão que artistas, intelectuais ou ativistas são frequentemente vistos como "desconfortáveis" por sociedades que resistem a mudar o *status quo*? Será por isso que as ditaduras costumam ver o pensamento crítico -e em uma boa caneta- um inimigo mortal que é preciso silenciar?

Durante a oficina, um dos momentos que gera mais medo em mim, é quando eu me resisto em dar ao grupo o que ele mais pede e mais almeja: certezas e respostas técnicas. Em Kullancha, questões de gênero, raça, classe social, afiliação política e orientação sexual são “amarrasões” latentes que demoram a surgir. Mas, quando estas se abrem, surgem como vulcões furiosos que geram desequilíbrio, e o grupo clama rapidamente por ordem e pede uma autoridade firme para resolver o conflito. É também nesse momento que a tentação populista me invade

fortemente. Minha popularidade despenca e minha incompetência aumenta. Assim, eu começo a sentir que seria muito mais fácil oferecer uma receita “benigna”: fazer um discurso longo, motivacional e vazio. Mas isso seria interromper o que começa a ocorrer nesses momentos de desequilíbrio: um questionamento, um novo pensamento e uma evolução. Meu olhar de psicanalista me sustenta em momentos como esse e penso na demanda de muitos de nossos pacientes quando exigem um direcionamento claro na análise antes de tolerar a incerteza da descoberta no tratamento.

Kullancha me leva a pensar sobre a pouca liderança em nossas sociedades e as complexidades em um mundo cada vez mais incerto e narcisista como o atual. Será que nesses pequenos espaços já se observa como é sedutor cair em políticas fáceis, em receitas falsas, mentir e oferecer "pão e circo" quando as autoridades se sentem perdidas e sem recursos para seguir em frente? Será que essas pequenas dinâmicas explicam o aumento dos Trumps, Bolsonaros, Orbans e Johnsons em face do desequilíbrio social gerado por viver em um mundo cada vez mais “líquido”, como diria Zygmunt Bauman?

E o que é que pode ser dito sobre nosso papel como psicanalistas latino-americanos em meio a tal contexto? Será que uma das contribuições mais importantes que podemos oferecer é contribuir para tecer um amplo manto social que exige a integração de posturas, e o cuidado de dinâmicas quase imperceptíveis para muitos olhos que não possuem os prismas que nós temos?

Acredito, caros colegas, que nosso papel de “personagens-dobradiça” em nossos países será cada vez mais necessário em um mundo incerto, onde a necessidade de pensamento será fundamental para ajudar em nossa convivência com fenômenos cujas consequências ainda não conhecemos. As migrações em massa, os avanços da Inteligência Artificial, a virtualidade, a presença das redes sociais, são apenas alguns dos desafios que exigem espaços para pensarmos juntos e com coragem para chegar a soluções inovadoras e criativas. Os analistas temos ferramentas para costurar ideias, mentes e afetos. Esta contribuição é imensa em um mundo onde não fazê-lo nos deixa indefesos diante daqueles tristes fantasmas tão presentes em nossa história latino-americana: o autoritarismo e a demagogia.

No entanto, eu volto para a Arequipa vulcânica, pois Kullancha é uma pequena iniciativa que visa tecer afetos e onde um tecido feito com carinho se traduz em ações de mudança. A partir desse encontro -humano e real- pessoas desconhecidas realizam-se iniciativas de forma conjunta. Um executivo de uma transnacional desenvolveu uma plataforma de ajuda social com outro membro que conheceu em Kullancha e que hoje já ajudou milhares de peruanos. Uma ativista gay foi patrocinada por um empresário de transportes que criou uma campanha de conscientização sobre as minorias sexuais em um mundo automobilístico tipicamente homofóbico. Dois parlamentares de bancadas diferentes e que eram adversários ferrenhos, começaram a trabalhar juntos na comissão constitucional do Congresso porque entenderam que precisavam colaborar para obter resultados conjuntos. Uma parlamentar militante de esquerda encontra um banqueiro de investimentos e eles dois começam a se consultar

regularmente antes de tomar medidas complexas em seus respectivos universos. E os exemplos continuam...

Kullancha é, em sua essência, um experimento social contínuo e, portanto, a questão que sempre vem à minha mente é: quanto tempo mais isso pode durar? Sinceramente, eu não sei. Até hoje, esta comunidade conta com peruanos de "todos os sangues" e entre os "kullanchos" a agenda é uma só: tentar compor o Peru a partir de sua diversidade. Nós estamos unidos por um imenso carinho pelo país e esta comunidade representativa é um sopro de esperança na complexidade.

Projetos como Kullancha tiveram uma presença em outros espaços no Peru. A Universidad del Pacífico, por exemplo, talvez a instituição mais conhecida em negócios e economia, passou a apostar em cursos de liderança com uma perspectiva semelhante: onde se aprende -como disse Bion- a partir da experiência e a experimentação, em um laboratório social. Escalabilidade e fazer com que esse "aprender fazendo" chegue a mais pessoas é, em suma, um dos grandes desafios de Kullancha. Porém, honestamente, não acho que haja outra maneira de aprender um exercício tão complexo como a liderança. Freud já nos falou das profissões impossíveis: política, psicanálise e docência. Em Kullancha os três convergem e talvez esse seja o motivo pelo qual eu sou tão apaixonado por isso: ter que enfrentar diariamente a ideia de tentar tornar possível o que parece impossível.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt (2009): *Tiempos líquidos: Vivir en una época de incertidumbre* (trad. Carmen Corral) (2a. ed.). México: Tusquets.

BION, W.R. (1961): *Experiences in groups and other papers*. New York, Basic Books, Inc.

FREUD, Sigmund (1930): *El Malestar en la Cultura*. Buenos Aires, Amorrortu 1986.

HEIFETZ, Ronald (1994): *Leadership without easy answers*. Cambridge, Mass: Belknap Press of Harvard University Press.